



# Griselda e Meia-Noite

Conto de Pilar  
Ilustrado por  
Joana Nogueira

Edição de  
Ângela Correia  
e Patrícia Franco

Lisboa | 2016

BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA

A bruxinha Griselda vivia no meio de uma floresta, numa casinha velha, rodeada de árvores, como as casas das bruxas devem ser. Esta bruxa tinha um gato, como compete a uma bruxa, e o gato chamava-se Meia-Noite. Mas esta não era uma bruxa velha e feia, de grande nariz de cavalete, com uma verruga na ponta, como costumam ser as bruxas das histórias... Não, senhor, não era! Esta bruxinha era jovem, bonita e moderna, e até tinha um nariz pequenino e bem-feitinho, um tanto arrebitado e cheio de personalidade.

Já o gato Meia-Noite era um gato de bruxa mais tradicional: não passava cartão a ninguém, era esquivo e pouco de fiar; escondia-se debaixo das cadeiras da casa ou nos cantos escuros por trás da mobília. Quando a dona ou alguma visita passava por perto, ele saltava



de um esconderijo, de repente, com as unhas em riste, e tentava espetá-las nas pernas dos incautos... Outras vezes, enquanto Griselda andava em casa de um lado para o outro à procura dos ingredientes para fazer feitiços, o gato estava sempre a enrolar-se-lhe nas pernas e a fazê-la tropeçar. E quando a dona lhe ralhava, ele punha as orelhas para trás, eriçava os bigodes e o pelo das costas e bufava-lhe, contrariado. Depois dava uma patada nas pernas de Griselda, com as unhas de fora, tentando arranhá-la, irritado, e acabava sempre por puxar uns fios às meias de lã coloridas que a bruxinha gostava de usar...

Isto deixava-a furiosa: era ela que tricotava as meias, como a avó lhe ensinara; fazia-as com todo o gosto

e cuidado, com diferentes cores e padrões, e agora já tinha vários pares de meias estragados!





Então a bruxinha gritava: “Sai daqui, gato de uma figa!” E dava um pontapé no ar, de propósito para falhar, mas com grande aparato, para o assustar; para ver se ele fugia e parava de lhe estragar as meias de estimação. Mas o gato era tihoso: dava a volta e apanhava-lhe as pernas por trás, arranhando-as sem piedade para mostrar como estava furioso com aquele tratamento tão pouco digno que a dona lhe dispensava. A ele – que tinha linhagem nobre e descendia em linha direta do gato zarolho da bruxa Morgana – ninguém lhe gritava! Pensava o gato, enquanto se afastava rapidamente de rabo espetado e ar enxofrado e altivo.

Um dia, o gato Meia-Noite estava especialmente enervante e não parava de se atirar às pernas de Griselda, impedindo-a de fazer à vontade uma poção importante

e caída em desuso, feita com ingredientes pouco comuns, que servia para tirar os soluços aos coelhos; e Griselda precisava de muito cuidado e concentração para acertar na preparação. Mas o gatinho não parava de lhe deitar as unhas às pernas e de lhe puxar mais fios às meias.

Já farta daquilo, a certa altura, ela enervou-se e, como tinha a varinha na mão, lançou-lhe um feitiço. O gatinho escapuliu-se ligeiro por entre a mobília, e o jacto de luz cor de laranja brilhante foi bater no teto, onde fez ricochete e disparou a toda a velocidade para a outra ponta da casa... Acertou em cheio no retrato do bisavô de Griselda que, no seu tempo, fora um bruxo irritadiço, com maus fígados, dizia-se, e notório mau feitio. O retrato ganhou vida e, ao acordar assim de repente, sobressaltou-se e começou a disparar feitiços em todas as direções.



Griselda escondeu-se rapidamente ao lado de uma velha cómoda. Mesmo a tempo! Ela escapou por um triz: um dos feitiços acertou no enorme espelho que havia por cima. O pior é que o raio embruxado rachou o espelho em mil pedacinhos, o que multiplicou o feitiço. E vários jactos de luz mágica saíram disparados em todas as direções. Mil e um feitiços coloridos e brilhantes foram disparados, a assobiar, para todo o lado, como fogos de artifício enlouquecidos...

Uns saíram pelas janelas e pelas portas, e por frestas no velho telhado, e outros continuaram a dançar e a bater nas paredes e nos móveis, a ressaltar do chão para o teto e a voar descontrolados pela casa toda; e também lá fora, ricocheteando de árvore em árvore em redor da casa...



Quando acabou aquele festival de cores, estrelas, relâmpagos, estrondos, assobios e explosões, fez-se um profundo silêncio... Ficou tudo tão silencioso que se poderia ouvir um alfinete a cair... E, finalmente, a bruxinha Griselda conseguiu sair de onde se tinha escondido, um bocado despenteada, olhando atarantada para todos os lados, para ver se já era seguro.

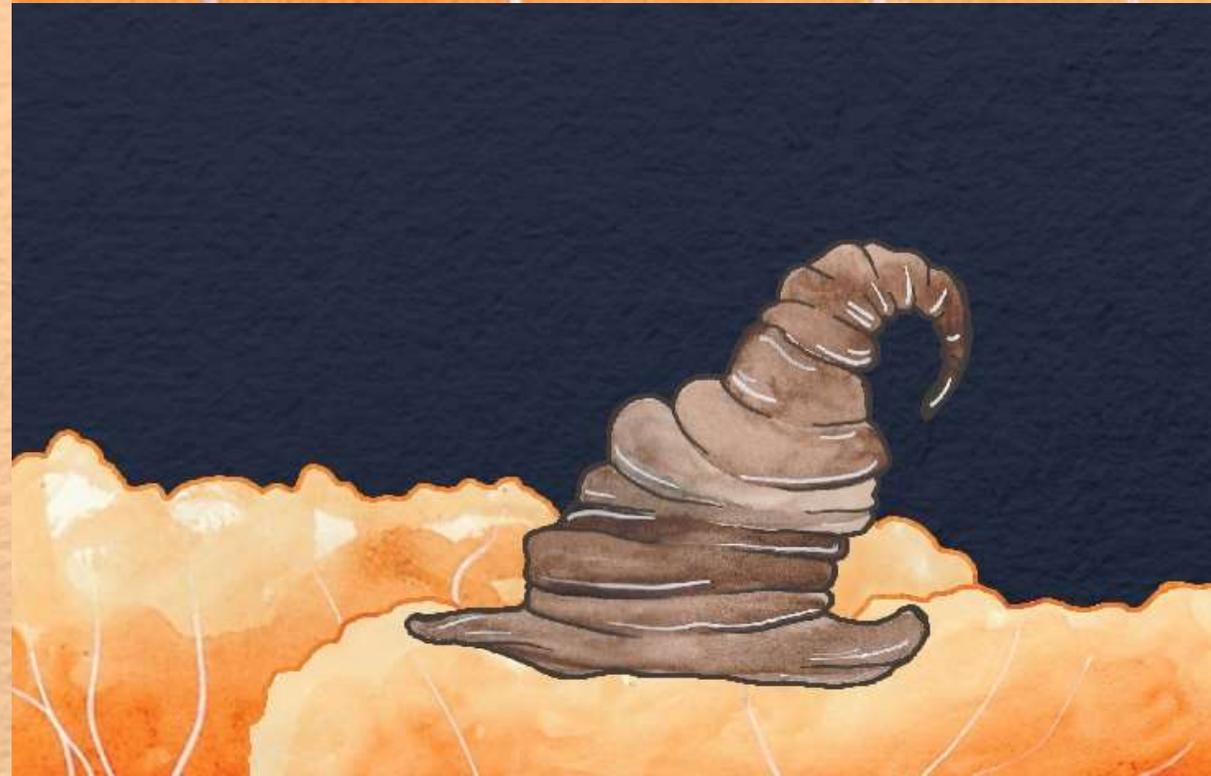
O retrato do bisavô lá estava como dantes, muito sossegado, imóvel agora, como se nada se tivesse passado... embora de esguelha e um nadinha chamuscado... O espelho da cómoda estava rachado e a partir desse dia, sempre que alguém se olhava nele, o espelho enfeitado devolvia uma imagem desgrenhada e assustada a quem nele se mirava, em vez do seu reflexo verdadeiro. De tal forma que quem olhava para aquele

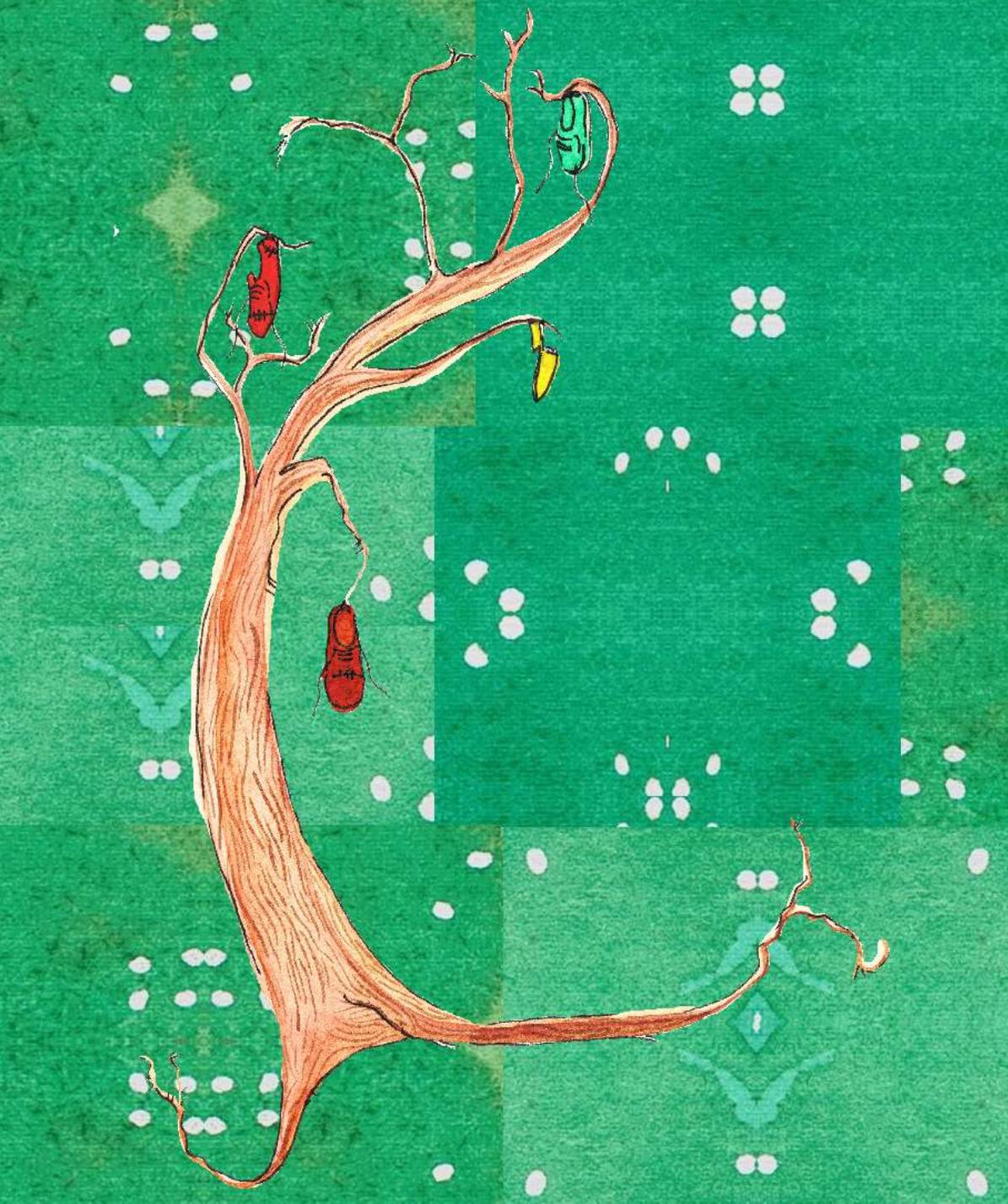


espelho apanhava sempre um grande susto e nunca conseguia ver a sua imagem como era de verdade...

A casa ficou para sempre meio torta de tantos feitiços que por ali explodiram sem controlo: todas as portas e janelas ficaram de esguelha, em consequência de tanto se terem desviado dos feitiços voadores desembestados. Duas das cadeiras, a partir daquele dia, ficaram muito nervosas, e de cada vez que alguém tentava sentar-se nelas fugiam a sete pés – perdão, a quatro pernas – e iam enfiar-se na despensa. Depois emaranhavam as pernas uma na outra e era uma trabalhadeira para conseguir tirá-las de lá...

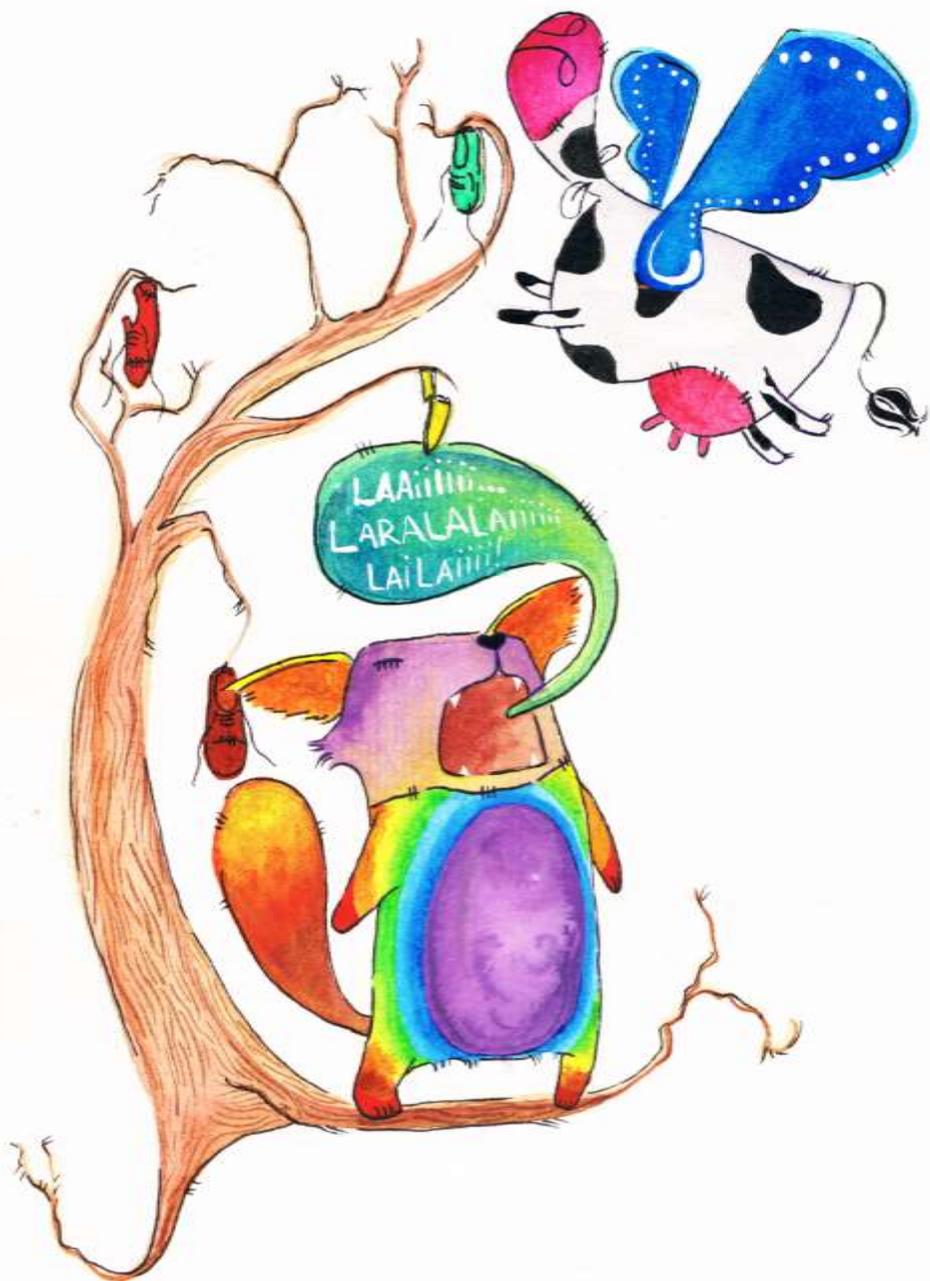
Os feitiços que tinham voado lá para fora tinham atingido várias árvores, de maneira que uma velha





e retorcida nogueira, do quintal de Griselda, se punha a falar de filosofia a quem passava por ela. Um lariço tristonho e cinzento, lá mais ao fundo, transformou-se numa espécie de árvore frutífera e desatou a dar, não frutos, mas sapatos (infelizmente só dava sapatos velhos e encarquilhados, e eram todos do pé esquerdo... ).

E há também quem jure a pés juntos que nos bosques das redondezas já se avistaram diversos animais muito estranhos, certamente produto daqueles feitiços... Uma rã que em vez de saltar dança sapateado, um ouriço-cacheiro de ar envergonhado que desata a declamar poesia quando se repara nele, e até uma vaca, de um pasto mais à frente, a quem cresceram asas. Dizem que partiu a voar e a mugir alegremente, revoltando



doidamente, com a leveza de uma borboleta, pousando aqui e ali, a experimentar pastagens diversas...

O gato Meia-Noite, felino metedico e mal-comportado, nunca mais foi visto por ali, para desgosto de Griselda, que se irritava com ele, mas, no fundo, no fundo, gostava do bicho... Eu tenho cá para mim que o gato Meia-Noite e o bichano de pelagem arco-íris que apareceu na cidade por aquela altura e começou a cantar o fado, para espanto dos clientes de uma afamada casa de espetáculos, devem ser uma e a mesma pessoa...

**Fim**



A autora desta história chama-se Maria do Pilar M. C. Filipe. Estudou na Escola António Arroio, em Lisboa, na área de Artes Plásticas – Curso de Artes e Técnicas dos Tecidos. Tem o Curso de Educadores de Infância do Magistério Primário de Lisboa. Começou a escrever histórias quando era muito pequena e, hoje em dia, continua fazê-lo. Esta é a primeira vez que publica.



Joana Nogueira nasceu em 1988 em Moledo do Minho.

Licenciada em Artes Plásticas pela ESAD das Caldas da Rainha, está a terminar Mestrado em Ilustração e Animação pelo IPCA, em Barcelos. Lecionou disciplinas artísticas a alunos do terceiro ciclo e secundário, monitoriza *ateliers* infantis de Artes Plásticas e dá *workshops* a jovens e adultos.

Trabalha em escultura, ilustração e animação. O documentário animado *Pronto, era assim*, que realizou com Patrícia Rodrigues, venceu o prémio do público no festival de curtas-metragens CórteX 2016.